

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 642	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	34800	18900	6950	3120	25 DE OUTUBRO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	14000	28000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	26500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa está sem rainhas.

Por uns dias, poucos felizmente, não veremos apontando ao longe os batedores, os homens parados á borda dos passeios, de chapéus na mão, e na sua carruagem a quatro, a cabeça loira, altamente distincta de sr.ª D. Maria Pia, ou o rosto suavemente encantador, bondosamente sorridente de sr.ª D. Amelia.

Dois casamentos levaram para longe da patria as rainhas portuguezas.

A filha de Victor Manuel vai assistir na Italia ao casamento de seu sobrinho, principe de Naples, herdeiro da corôa; a sr.ª D. Amelia, na Austria, ao de seu irmão, o duque de Orleans.

Preparam-se grandes festas para receber congnamente na patria dos grandes artistas a futura rainha, por enquanto humilde princeza do Montenegro. Sobê a um dos mais altos thronos da Europa a princeza que a fama canta como a mais bella das senhoras do mundo.

No seu principado pequenino, tão pequenino que não passa de pequenissima mancha em mappa de grande escala, poude um dia ambicionar ser imperatriz da Russia, e não se contentou com menos d'um dos primeiros thronos do mundo.

Darão por certo muito menos que falar as festas do casamento do duque de Orleans. Entretanto deve este ser bem mais feliz que o filho do rei da Italia.

Um rei desthronado, que não tem as incommodas ambições de D. Carlos de Bourbon, não dá muito que fazer á reportagem dos jornaes do mundo. Por isso mesmo poderão ser mais sinceros os parabens aos noivos. A posição de rei sem throno não deixa de ter suas seducções. Em casa todos lhe fazem a corte, é rodeado por subditos fieis de quem não ha muito que duvidar, e não anda exposto aos perigos, aborrecimentos e inquietações dos reis reinantes. E' o caso de dizer-se, com referencia a thronos, que mais vale um no ar que dois na mão.

O duque de Orleans poderá casar socegadamente, sem que lhe venha perturbar a lua de mel o espectro d'algum de seus avós, el-rei Pepino ou Carlos Magno, apontando-lhe para o dever com o dedo descarnado.

Acima de todas as considerações politicas os francezes puzeram o amor da patria. Muitos e muito convencidos monarchicos servem hoje devotadamente o seu paiz republicano. O grande bem da França começou por um grande desastre. Barato é o saber que se compra com um primeiro errar. A França, hoje tranquilla e prospera soube aproveitar a lição e o governo republicano deve ser ali para lavar e durar. Quem está bem não se muda.

A este respeito lembra-nos o dito d'um monarchico acerrimo, general que fizera suas primeiras armas ao lado de D. Pedro IV, que com elle estivera na Terceira e fôra um dos que primeiro desembarcára no Mindello, tendo acompanhado ao Algarve a divisão do duque da Terceira e feito com ella a gloriosa marcha até Lisboa. Estivera emigrado, passára tormentos, fôra gravissimamente ferido no cerco do Porto. Era entranhado o amor que tinha á Carta Constitucional e á dy-

nastia de D. Pedro. Para elle o summo bem, o ideal na politica, era o systema representativo. Tudo o que fosse mudar lhe parecia um crime. A palavra republica era para elle odiosa, os republicanos eram quasi uns criminosos. Ao ver, porém, a paz de que os francezes gosavam, ao ver artes, sciencias, letras progredirem, admirando a força de vontade, a prudencia, o bom senso, a honradez dos governantes, dizia, ás vezes, com um certo ferro de quem vê agoirentas prophcias em terra:

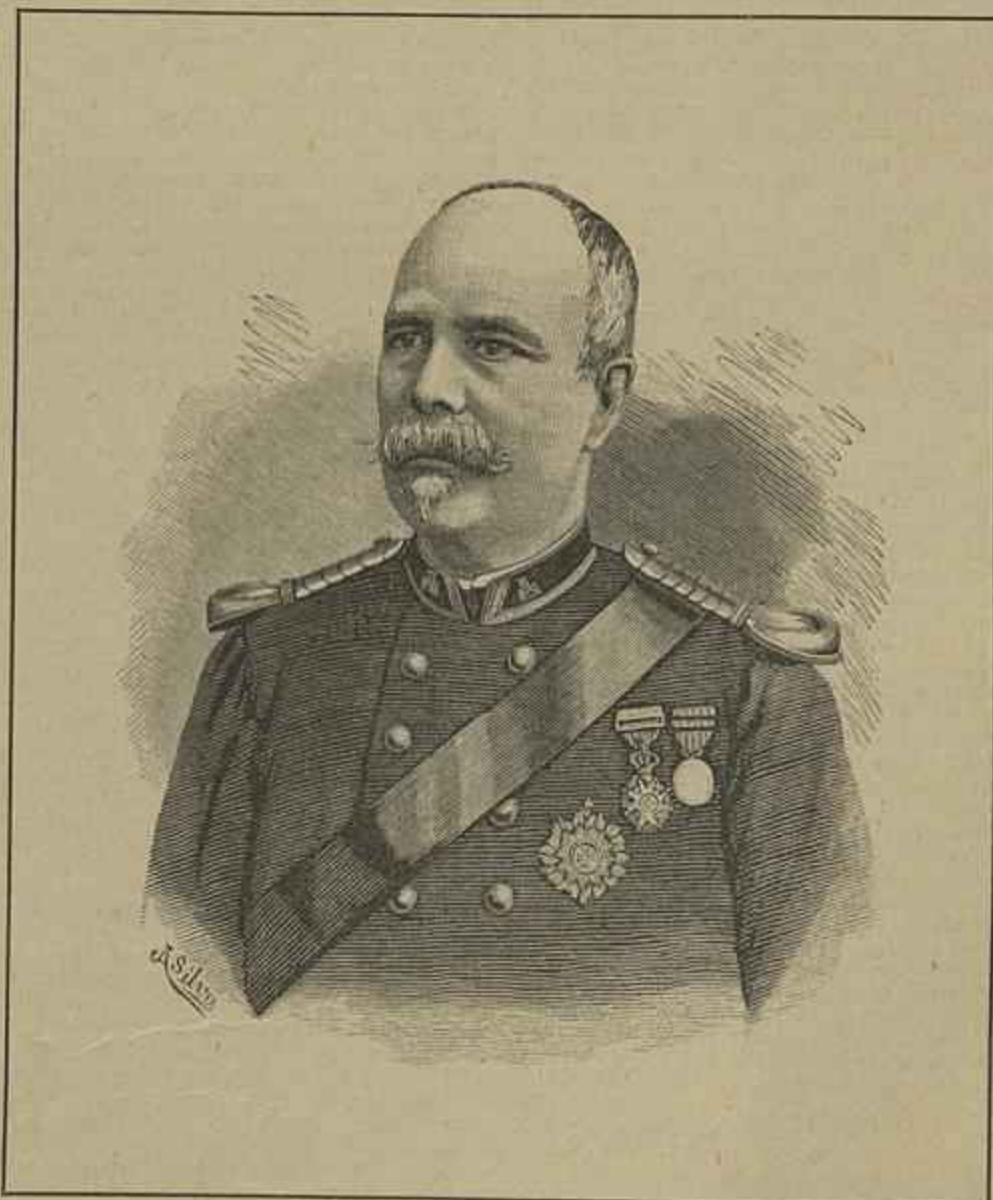
— Tomára que terminasse aquella republica. Está dando um pessimo exemplo!

Governe-se cada um como quizer, comtanto

que se governe. Uma boa cabeça basta. Senão temos o triste caso da tartaruga, ha pouco fallecida, e tão falada na America.

Que desgraçado bicho!

Tinha apenas uma casca, uma cauda e quatro patas, como todas as irmãs; mas a infeliz tinha duas cabeças! Quando uma queria ir para a direita, logo a outra se lembrava de ir para a esquerda. Levavam as cabeças uma vida atormentada, odiando-se uma á outra, e quem soffria era a pobre tartaruga! As ervas de que gostava a cabeça da direita eram odiadas pela cabeça da esquerda. Uma puxava para o sol, a outra para a sombra! Nunca houve meio de as pôr de accordo!



CORONEL DE ENGENHEIROS CONSTANTINO DE BRITO

(Copia de uma photographia do sr. Biel)

CONSTANTINO DE BRITO

CORONEL D'ENGENHEIROS

I

Um dia d'estes o gato deu uma unhada na cabeça da esquerda, que fechou os olhos e morreu! Só com a morte é que a outra concordou e deixou-se morrer também! Aberta, encontraram-lhe dois corações dois estômagos, órgãos de respiração diferentes.

Eram as tartarugas como os tão celebres irmãos siamezes, que assim também haviam nascido ligados, fazendo o assombro de todos os médicos e homens de sciencia.

Dizia uma vez, ouvindo fallar d'elles um marsehez:

— Eu também na America vi um phenomeno assim; mas não eram dois irmãos.

— Eram duas irmãs?

— Não. Eram dois primos!

Fernando Caldeira, ha muitissimos annos, ainda muito antes do *Sapatinho de Setim*, havia pensado n'uma comedia cujo heroe principal era um phenomeno d'esses: dois irmãos, sempre ligados, com genios differentissimos; um todo prosa, o outro todo poesia. O primeiro acto passava-se em Lisboa no Hotel dos Irmãos-Unidos. Quando elles chegavam gritava o creado: Lá vem os patrões!

Creio que não chegou a acabar essa peça, cujos papéis eram destinados ao Taborda e Isidoro, então ambos representando no theatro da Trindade.

Era pouco mais ou menos no tempo em que ali causavam furor pequeninas comedias n'um acto, que tinham um desempenho esplendido e eram tão falladas como os melhores dramas em verso: *Os dois candidatos*, *A Gran-Duqueza no quarto andar*, *Os dois Japonezes*, etc. a que Taborda, Isidoro, Delfina, Augusto e Queiroz davam uma vida extraordinaria.

O theatro era então frequentadissimo. Anna Pereira, Florinda, Rosa Damasceno eram estrellas na opera comica. Depois do enorme exito do *Barba-Azul vieira a Gata Borracheira* dar á platéa dezenas e dezenas de enchentes.

Bem andou Sousa Bastos em fazer *reprise* d'essa magica, em que Palmira no papel de *Principe* e Rosa Paes no de *Gata* são gentilissimas, como alegres são nos papéis de *Rei*, *Intendente* e *Morgado* Alfredo de Carvalho, Queiroz e Augusto.

Palmira deverá ser muito brevemente uma das nossas primeiras cantoras de opera comica. Gentil e tendo o condão de uma voz propria para a musica ligeira, alegre em scena e graciosa como pouca, tendo tido bons mestres e tendo-os ainda agora, cheia de talento e boa vontade, o futuro assegura-se-lhe brilhante ella vai no bom caminho.

Rosa Paes começou ha pouco mais d'um anno. Recebeu as lições do Valle. Tem boa vontade, alegria e uma voz fresca, cheia de mocidade.

Queiroz e Augusto eram ha muito conhecidos nos papéis que desempenham agora, tão alegremente como o fizeram ha muitos annos, ha tantos que até é melhor não falarmos n'isso.

Alfredo de Carvalho magnifico, extraordinario de graça no papel de *Rei Felisberto*. Ditos que são elle!

Dorme d'oculos.

— Já agora fico com elles. Quero ver o tempo que durmo!

Amelia Barros muito bem, com muita graça no papel de *Morgada*.

A peça merece bem o exito que está tendo.

No theatro da Rua dos Condes estão-se todos preparando também com verdadeiro afan, cuidando do seu repertorio para o inverno. Transbordou-os um pouco a doença do Valle, que felizmente vai melhor e brevemente fará sua apparição ao publico.

Será um dia de festa para Lisboa inteira. Todos lhe devemos das horas mais felizes, mais alegres, que havemos passado em theatro. Encham a sala de flores e luzes! O Valle é a alegria!

As mãs novas correm depressa, as mãs, mais depressa que as boas, todos querem acrescentar um ponto. Foi uma tristeza quando em Lisboa correu a noticia de que o Valle, por todos tão estimado, cahira de cama com uma doença grave. Chegaram alguns a inventar-lhe a morte, o que é, felizmente, um signal de vida.

Em breve ahí o teremos, tão vivo como d'antes e mais alegre ainda, porque deve agora melhor saber como todos o estimam, como todos lhe querem, como todos o adoram.

O Valle é a alegria. Bemdito seja Deus que lhe deu vida.

João da Camara.

N'um livro publicado ha 34 annos em Lisboa sob o titulo de *Vida do vice almirante José Joaquim Alves* cuja edição se esgotou, offerecendo ao então infante que foi depois rei de Portugal D. Luiz I de saudosa memoria, dizia eu no preambulo estas singelas palavras *a morte só faz os grandes talentos e as grandes virtudes*, palavras que reproduzimos aqui porque fazem ao nosso intento no estudo biographico, que ora nos occupa acerca de um distincto official do exercito portuguez o coronel de engenheiros, Constantino de Brito, cujo nome vae emparelhar-se ao lado d'aquelles de que nos occupamos nos nossos *Estudos biographicos*.

Se a respeito do benemerito official de marinha acima referido se pode dizer que elle não logrou em vida nem ver publicados nem commemorados os seus relevantes serviços e somente depois da sua morte pela nossa humilde penna, outro tanto não se pôde dizer do nosso biographado do qual vamos occuparnos n'este estudo, porque vivo e bem vivo elle se mostra no brilhante retrato que orna a primeira pagina d'este jornal.

Os que o conhecem como eu, e os que o não conhecem, poderão dizer como eu digo, que n'aquelles olhos que reproduzem tão fielmente a mobilidade e rapidez das impressões do espirito, ora vivos, ora melancolicos e scismadores, se reflecte sempre a chama do patriotismo, a alegria d'uma alma pura, d'uma consciencia immaculada. Assim como o estylo é o homem, como dizia Buffon, o grande naturalista francez, a physionomia reflecte as qualidades da alma, como a palavra traduz a elevação do espirito e a nobreza dos sentimentos.

Mas não é só o seu retrato sob o ponto de vista physico, que nos cumpre offerecer a contemplação dos leitores do OCCIDENTE é o seu retrato intellectual e moral.

São as biographias, não um romance para entreter e occupar a imaginação, como por exemplo a *Odyssea* d'Ulysses escripta e publicada pelo divino Homero, na phrase dos escriptores pagãos, mas um elemento necessario que reflecte não só o caracter d'um homem, mas o caracter d'um povo, e que caracterisa uma época.

Se n'uma dada época, como a de que nos occupamos não foram levados em conta os serviços prestados ao paiz, essa ingratitude, essa indiferença caracterisa uma época, uma sociedade, ao mesmo tempo que fazem sobresahir os merecimentos, as qualidades dos que não viram nem lembrados, nem remunerados taes serviços.

Não é outro o nosso intento, daguerryotipando o nosso illustre biographado, e na urdidura da larga tã que encetamos, traçando os lineamentos do seu caracter á luz dos factos que ennobreceram a sua existencia; não é um panegyrico, um elogio funebre sobre uma sepultura, em phrases sentidas a provocar as lagrimas dos que lhe eram caros, é simplesmente uma narração de factos que fallam por si em toda a sua singeleza e verdade e que não carecem de commentario; não é uma apothese como seria a que faríamos na tribuna da imprensa de Washington, o grande fundador da republica dos Estados Unidos da America do Norte e de muitos outros, que figuram, com um nome immaculado nas paginas douradas da historia; é uma sentença fundada em documentos verdadeiros, da qual ainda se pôde appelar para o juizo da opinião publica de hoje.

Nasceu Constantino de Brito em 10 de novembro de 1836 em Pondá, uma das provincias das novas conquistas de Goa, que ultimamente tem occupado tanto a imprensa e os poderes publicos. É filho do general de brigada José Ignacio de Brito, que conhecemos em Goa, quando ali exerciamos as funções de juiz da relação e de cuja amizade nos honramos. Fez o nosso biographado os seus primeiros estudos nas escolas de Goa, a antiga capital do nosso grande imperio do Oriente, hoje tão reduzido e desmembrado, e diga-se a verdade tão mal administrado; assentou praça em 2 de maio de 1851 no batalhão de infantaria 2 do extinto exercito da India, tendo em seguida concluido o curso d'engenharia militar na Escola Mathematica e Militar de Goa. Em virtude das distincções que recebeu foi proposto a 2.º tenente de engenharia d'aquelle exercito e convem observar que todas as propostas para officiaes eram feitas pelo governador geral com excepção do posto de 2.º tenente de engenharia, porque essa era feita pelo director da escola, e devia recair sobre o alumno mais distincto e melhor classificado, tendo o legislador entendido, que ninguem mais compe-

tente do que o proprio director para o poder apreciar. Pessoas influentes e importantes, tendo á sua frente o proprio governador, tentaram insinuar no espirito do director da escola o coronel de engenharia José da Costa Campos, que a sua proposta recaisse sobre outro individuo seu patrocinado. O director dotado de um caracter independente, recusou-se a praticar essa injustiça. O governador occultando então a proposta do director da escola propoz ao ministro da marinha e ultramar o Marquez de Sá da Bandeira, a promoção do seu protegido.

Ter-se-ia realisado o seu empenho, se os voaes do extinto Conselho Ultramarino, consultados pelo illustre ministro, não exigissem que fosse presente ao Conselho a proposta do Director da Escola Militar de Goa, de quem por lei a proposta devia dimanar.

Não conseguiu portanto o governador, cujo nome não pronunciamos por ser fallecido, e não poder defender-se, o seu criminoso intento, e foi o nosso biographado despachado 2.º tenente do Exercito da India.

Talvez os leitores do OCCIDENTE achem exagerado da nossa parte, a narração de uma injustiça, de que hoje ninguem faria caso, mas mal de proposito a relatamos, porque como biographo imparcial e justo não a podiamos nem deviamos occultar.

Se a imprensa tem registado tantas injustiças que se tem praticado, o dever d'ella ainda hoje é não as occultar para evitar que se pratiquem no futuro e para ensinamento e castigo dos que as praticaram.

Ha um outro ponto antes de proseguir-mos na nossa tarefa que não queremos, nem devemos passar em silencio; é o da extinção do exercito da India.

Seria um bem? Seria um mal?

E' o que vamos tentar demonstrar no seguinte numero d'este jornal.

Dr. A. M. de Tavora.



AS NOSSAS GRAVURAS

NO CAES

Nada mais simples que o quadro que temos diante dos olhos, e no entanto que correcção no desenho da figura que o compõe.

O soldado desembarcou, talvez de volta da campanha, segundo se deprehende pelo bernal, cantil, etc., que traz, e aproveitando alguns minutos de folga, emquanto não entra em forma, vae petiscando da latinha de conserva que ainda lhe restava.

É que o amor da gloria será muito bom para levantar o espirito, mas este, pouco se poderá entusiasmar se o estomago estiver vazio e como o soldado diria na sua pittoresca linguagem — *atrado*.

Com a refeição da latinha sempre poderá marchar melhor para receber os louros da victoria que alcançou, mais radiante, mais alegre.

Sempre o positivismo da vida a metter-se de permeio por entre os sonhos mais doirados!

MOMBAÇA — A VELHA FORTALEZA

A curiosa inscripção que hoje publicamos, e cuja copia devemos á amabilidade de um illustre official de marinha, digno ornamento da nossa armada, acha-se no forte de Mombaça, e constitue ahí um indelevel padrão da soberania portugueza n'aquella ilha da Africa Oriental.

A cidade de Mombaça está situada na costa de Zaguebar pelo 4.º de longitude E, e eleva-se sobre a costa oriental da ilha do mesmo nome; occupa a cidade a maior parte de uma bella bahia de cerca de oito kilometros de extensão e de cinco de largura.

A ilha propriamente tem cinco kilometros de comprimento e tres e meio de largura, e com os dois estreitos que a separam do continente tem uns oitocentos metros mais de largura.

O estreito situado a leste forma o porto da cidade que é um dos mais commodos que se podem encontrar.

Segundo o mussulmano Ibn Batata, a cidade de Mombaça era, em 1330, um logar muito importante onde se encontraram magnificos fructos em



grande abundancia e ali habitavam homens religiosos e distinctos pela sua probidade.

Mas parece que quanto aos individuos elles mudaram bastante pois que mais tarde se mostram falsos e ferozes.

No seculo xiv, Camões celebrou a belleza da cidade, cantando-a assim na sua CIII estancia do primeiro canto dos *Luziadas*:

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade n'ella situada
Que na frente do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por um Rei de antiga idade,
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

Foi em 1498 que os portuguezes visitaram este porto pela primeira vez. Vasco da Gama, que os capitaneava, foi a principio bem recebido pelos habitantes, mas pouco lhe faltou para que não fosse victima da sua ferocidade:

..... e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.

Assim stigmatiza Camões no canto V, estancia LXXXIV.

E' a falsidade do rei de Mombaça que inspirou a Camões a notavel estancia CVI do canto I:

No mar tanta tormenta e tanto dano
Tanta vez a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorocida!
Onde pôde acolher-se um fraco humano,
Onde tem segura a curta vida,
Que se não arme, e se indigne o Céu sereno,
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Sete annos mais tarde, D. Francisco de Almeida tomou a ilha e reduziu a cidade a cinzas.

Em 1528, Nuno da Cunha deu-lhe a mesma sorte depois de se ter apoderado d'ella apeser da viva resistencia que lhe fizeram os naturaes.

O grande epico alludindo a estes factos, lá diz no canto X estancia xxvii, versos 1 e 4:

Tambem foy Mombaça, que se arria
De casas sumptuosas e edificios,
Co' ferro e fogo em queimada e feita,
Em pago dos passados maleficios.

A nossa inscripção está, como dissémos, na fortaleza que os portuguezes alli construíram no seculo xvi, a qual assenta n'um rochedo de mediocre altura e se eleva ao sul da cidade. Em volta d'ella, que está toda em ruínas, vê-se uma povoação chamada a *Cidade Negra*, habitada por gente de cor. Na cidadella, que outr'ora foi a residencia dos portuguezes, habitam hoje arabes, attingindo a cerca de seis mil almas a população total da ilha.

Não nos demoraremos sobre o valor do monumento que hoje damos á estampa. A leitura que se segue é bastante eloquente e celebra a grande reedificação de 1635 feita pelo valoroso capitão-mór, Francisco de Seixas de Cabral.

EM 1635, O CAPITÃO MÓR FRANCISCO DE SEIXAS DE CABRAL O FOI D'ESTA FORTALEZA POR 4 ANNOS, SENDO DE IDADE DE 27, E A REEDIFICOU DE NOVO E FEZ ESTE CORPO DE GUARDA, E REDUZIU A S. MAGESTADE A COSTA DE MELINDE, ACHANDO-A LEVANTADA PELO REI TYRANO; E FEZ-LHE TRIBUTARIOS OS REIS DE OTONDO, MANDRA, LUZIVA E JACA, E DEU PESSOALMENTE, A PAR ESTO, UN CASTIGO NÃO ESPERADO NA INDIA ATÉ ARRAZAR-LHE OS MURÓS, APENOU OS MUZUNGLOS, CASTIGOU PEMBA E OS POVOS REBELDES MATANDO Á SUA CUSTA OS RECEDORES ALEVANTADOS E TODOS OS MAIS DE FAMA, E FEZ PAGAR AS PAREAS QUE HAVIÃO NEGADAS A S. MAG. QUE POR TAES SERVIÇOS O FEZ FIDALGO DE SUA CASA TENDO-O JA DESPACHADO POR OUTROS TAES COM O HABITO DE CHRISTO, 50 MIL REIS DE TENÇA E 6 ANNOS DE GOVERNADOR DE JAFAMAPATÃO E 4 DE BILIGÃO, COM FACULDADE DE PODER NOMEAR TUDO EM SUA VIDA E MORTE, SENDO VICE-REI PERO DA SILVA. ERA DE 1639 ANNOS.

Esta inscripção está sobre a entrada da fortaleza como se vê da nossa estampa.

Os portuguezes possuíram a cidade de Mombaça até fins do seculo xvii, quando o rei do paiz a retomou matando todos os christãos.

Desde então só muito raramente os navios europeus visitaram este lugar, e o governador de Mombaça spoderava-se muitas vezes d'elles para renovar as suas provisões.

Em 1720, pertencia ao iman de Mascate, que a perdeu em virtude de uma revolta dos habitantes.

Em 1824, o iman enviou tropas contra a cidade,

de, que, para conservar a sua independencia se acolheu á protecção da Grã-Bretanha.

Actualmente a ilha de Mombaça é governada por um cheick arabe.

Archivemos, pois, este monumento, contribuindo assim com o nosso fraco esforço para a compilação de um corpo de inscripções portuguezas, cuja falta é tão lamentada de todos os que prezam as glorias e as tradições da nação portugueza.

UMA EXPLORAÇÃO ARROJADA

Em um livro de viagens intitulado *America*, obra em extremo curiosa e, a mais de um respeito, digna de captivar a attenção, menciona o seu auctor, o erudito doutor Baumgarten, um d'esses commettimentos arrojadados, d'esses exemplos de extraordinario valor, de rara presença de espirito e vontade inabalavel, excedendo em interesse palpitante os mais engenhosos e bem preparados lanças das melhores e mais reputadas obras de ficção.

Fala o auctor:
Navegáramos durante algumas horas e havíamos transposto distancia talvez de dez leguas, quando, finalmente, viemos abordar á imponente caverna do Mammoth, essa tão decantada maravilha do Estado do Kentucky. O coronel, que me acompanhava n'esta excursão, perguntou ao araes, se na maravilhosa gruta acaso existia algum pego ou sorvedouro profundo.

— Existe, sim senhor, é o Maelstrom, — respondeu o barqueiro; e não ha ainda muitas semanas, toda a gente suppunha que não viveria creatura humana capaz de lhe encontrar fundo.

— Então porque? — perguntei.
— Porque todo aquelle que se aventurasse a descer lá abaixo á furna, iria arriscar, ás cegas, a propria vida; alem de que, era necessario que fosse dotado de tamanha dose de animo e sangue frio, que soubesse e pudesse dominar os nervos a um ponto tal, que estou bem certo se não encontraria n'este mundo individuo em termos de o conseguir.

— E comtudo, segundo você diz, houve alguém que desceu até ao fundo do Maelstrom.

— E' como diz; retorquiu o barqueiro. E saibam que foi um rapozote, natural lá de Louisville, quem metteu essa lança em Africa. — Os senhores leram talvez a historia, como a contou nos jornaes um sujeito, que é filhote cá do Kentucky; pois olhem que elle ainda não disse tudo; e eu, aqui onde me vêem, presenciei o tal caso, vi tudo com os meus proprios olhos, portanto, posso contar-lhes como foi que a coisa se passou, do principio até ao fim, e sem lhe faltar o mais pequenino incidente.

— Pois conte lá; faça favor; accadiu o coronel; que a occasião e o sitio não podiam ser mais adequados para ouvirmos a sua historia.

— Já que assim o querem, ella ahí va, replicou o barqueiro; e, abocando uma rodela de tabaco de mascar, d'ali a nada encetava a seguinte narrativa:

fama de homem valente e decidido, um premio de seiscentos dollars, caso elle quizesse descer até ao fundo da furna e dar-lhe conta ao depois de tudo quanto lhe succedesse, em tão perigosa jornada. A quantia era tentadora — de mais a mais para o Stephens, que o maximo que por aqui consegue tirar é para o sustento de cada dia; e olhem que o homem, ainda assim, não esteve pelos ajustes. Annos depois, appareceu por cá um sujeito, que é professor em Tennessee; pessoa de muito saber e muito destemida tambem, resolvido a aceitar a proposta

Depois de ter preparado tudo com a maior cautela e toda a segurança, afinal lá desceu ao abysmo, içado com uma corda. Conseguiu profundar, para ahí, coisa de uns cem pés, mas começou a sentir apertos de coração, suffocações, a faltarlhe a vista, e tomado de panico invencivel, por pouco que não perdeu os sentidos.

Horrorisado e sem pinga de sangue, sabe Deus o que lhe custou a dar signal para que o içassem para cima, outra vez. Mal chegou á beira do abysmo, desmaiou e cahiu para o lado. Ouvi-lhe eu dizer depois, que, assim que, na descida, se encontrou em frente de outra gruta, ou galeria transversal, o terror que d'elle se apossou foi de tal ordem, que não hesitava em declarar que preferia matar-se a ter de descer outra vez por ali abaixo, a caminho do inferno.

Depois d'elle, muitos tentaram ganhar a quantia offerecida, mas, até hoje, nenhum conseguiu levar a cabo a empreza.

Até que, um bello dia, não ha ainda muito tempo, eis que apparece ahí um rapazote lá de Louisville, a afirmar que estava resolvido a ir lá abaixo e a não voltar para cima sem que tivesse visto fundo á furna. — Entre elle e o doutor Wright, travou-se o seguinte dialogo:

— Não sabe em que se mette, meu joven amigo, — observou-lhe o doutor. — Quer tentar uma empreza da qual, até á data de hoje, se tem visto obrigados a desistir homens dos mais destemidos. Lembre-se de que o poder do systema nervoso, actuando sobre a nossa vontade, tende a annular-lhe a acção; e que qualquer de nós, quando intentente constringer a vontade muito alem dos naturaes limites da propria resistencia physica, torva-se-lhe-ha a razão; a vertigem apoderar se-lhe-ha do espirito e o terror invencivel, paralyzando-lhe as forças, dará em resultado uma syncope, e talvez que até a morte.

— Nada d'isso que diz me inspira receio; retorquiu com o maior socego de espirito o tal rapaz, e absolutamente infundada a sua apprehensão de que eu tenha de impor o minimo esforço ás minhas condições moraes ou physicas, para descer até ao fundo d'essa furna.

— Com que então o meu amigo nunca em sua vida se assustou? — perguntou o doutor.

— E' como diz; nunca até ao dia de hoje, replicou o nosso homem; dir-lhe-hei até que é essa uma sensação, de que nem mesmo consigo formar ideia.

— Muito me conta! Julga-se, pois, inaccessible ao medo?

— Tal qual como lhe digo.

— Não se lembra de se ter alguma vez sentido ansioso, inquieto?

— Eu? Nunca.

— Nem a sonhar... ao menos?

— Tambem não. Torno a repetir-lhe: não sou accessivel ao medo.

Em vista de tão peremptoria affirmativa, calouse o bom do doutor; fez uma profunda cortezia ao rapazote e mandou pôr as coisas todas em ordem para que elle pudesse levar a cabo a descida. Mr. Proctor, o dono cá da gruta do Mammoth, commendou para Nashville uma corda com o comprimento preciso, muito grossa e muito forte, e ao depois, la fomos todos de caminho até ao boqueirão da furna, que fica a umas nove milhas inglesas da entrada da caverna.

— Pena tenho eu de não ter assistido á exploração, disse d'ali o coronel, quando mais não fosse, ao menos para ter a satisfação de ver de perto esse valente rapaz.

Fui soldado, e posso-me gabar de saber o que sejam homens valentes, mas declaro que ainda nenhum encontrei que, chegada a occasião, não tivesse seu momento de fraqueza. E, se de facto o tal rapaz falou verdade, affirmo-lhe então que é nem mais nem menos do que a nôna maravilha.

— O coronel, como bravo americano, metta, já se vê, na conta, a ponte de Brooklyn.

— Vae ouvir, e verá que não mentiu; retorquiu o araes.

— Antes de o atármos com a corda, ainda tornámos a ponderar aquelle temerario os perigos certos, e os prováveis, a que elle se ia expôr voluntariamente. —

«Ainda está a tempo, homem, desista da empreza, lembre-se que vai arriscar a vida!

— Não sinto a mínima hesitação; replicou, impaciente; ainda mesmo quando o Maelstrom fosse o proprio inferno, infestado com as almas de todos os malvados d'este mundo, e lá me apparecesse Satanaz em pessoa, presidindo a toda a sua cornuda e rabuda comitiva, disse que havia de descer e está dito; nem ha coisa que me faça desistir! — Querem-n'o mais claro?

A declaração foi recebida com estrepitosa gargalhada. Houve, contudo, alguém que se não riu e esse alguém foi o doutor Wright.

muito perto uma trovoada. Tão medonho era o ruido que causava arripios.

Lembro-me bem, que o doutor, logo ao primeiro estrondo, litou, rapido, o rapazote. Este, porém, conservou-se sereno e impassivel, como se não fosse nada com elle.

Cobriu a cabeça com um chapéu, ou antes, capote de abas muito largas, muito forte e estofado por dentro, para o defender das pedras que cahissem, e, levando na mão uma lanterna de segurança, assim que o ataram muito bem atado com a corda, deu signal para que o descessem. Fomos largando a corda a pouco e pouco, devagar e com

Descobrimos uma nascente, a qual, brotando da parede da fuma, se despenhava em catadupa e com enorme ruido, no fundo abysmo. Assentou este pormenor na carteira, e pediu outra vez que lhe fossem largando corda.

O jorro da cascata, porém, salpicava por tal forma os vidros à lanterna, que esta pouco ou nada alumia, agora, o caminho; e elle, portanto, ia descendo mas sem ver por onde descia; o ar era tambem cada vez mais raro. O decidido explorador, enxarcado de todo, e respirando a custo, lá foi, contudo, seguindo impavido seu caminho. Tínhamos já desenrolado corda, no comprimento



NO CAES

No auge da admiração, não tirava os olhos de cima do aventureiro rapaz e, afinal, pôz-se lhe a apalpar o cerebro, a estudar-lhe as bossas da cabeça.

Atámos um pedregulho bem pesado na ponta da corda e fômol-a desenrolando, até que chegou ao fundo, o que levou, assim mesmo, um bom pedaço. A' medida que largávamos corda, íamos batendo com a pedra d'encontro às paredes do abysmo, a fim de saltarmos um ou outro penedo que, por não estar lá muito fixo, ameaçasse cair, no acto da descida: sempre era um perigo a menos para o atrevido explorador. Não poucos ouvimos despenhar-se por ali abaixo.

O êcho do tremendo ruido que, ao cair, faziam no fundo do abysmo, retumbava cá em cima, na entrada do boqueirão, que nem que estivesse

a devida cautela. De vez em quando, lá se soltava um pedregulho, cascalho ou torrões de terra, cahindo alguns em cima do atrevido rapaz; elle, porém, era como se tal coisa não fosse.

A' medida que ia descendo, ia observando muito minuciosamente, á luz da lanterna, as paredes do fundo boqueirão.

Ahí pelas alturas de uns trinta e tantos pés, encontrou uma ramificação de dois ou tres corredores, que profundavam transversalmente em diversas direcções.

O explorador deu então signal para que fizéssemos alto; tomou nota das tres galerias naturaes, e deu signal para que fossemos largando mais corda.

Desceu, para ahí, coisa de cem pés e tornou a dar signal, para que parássemos.

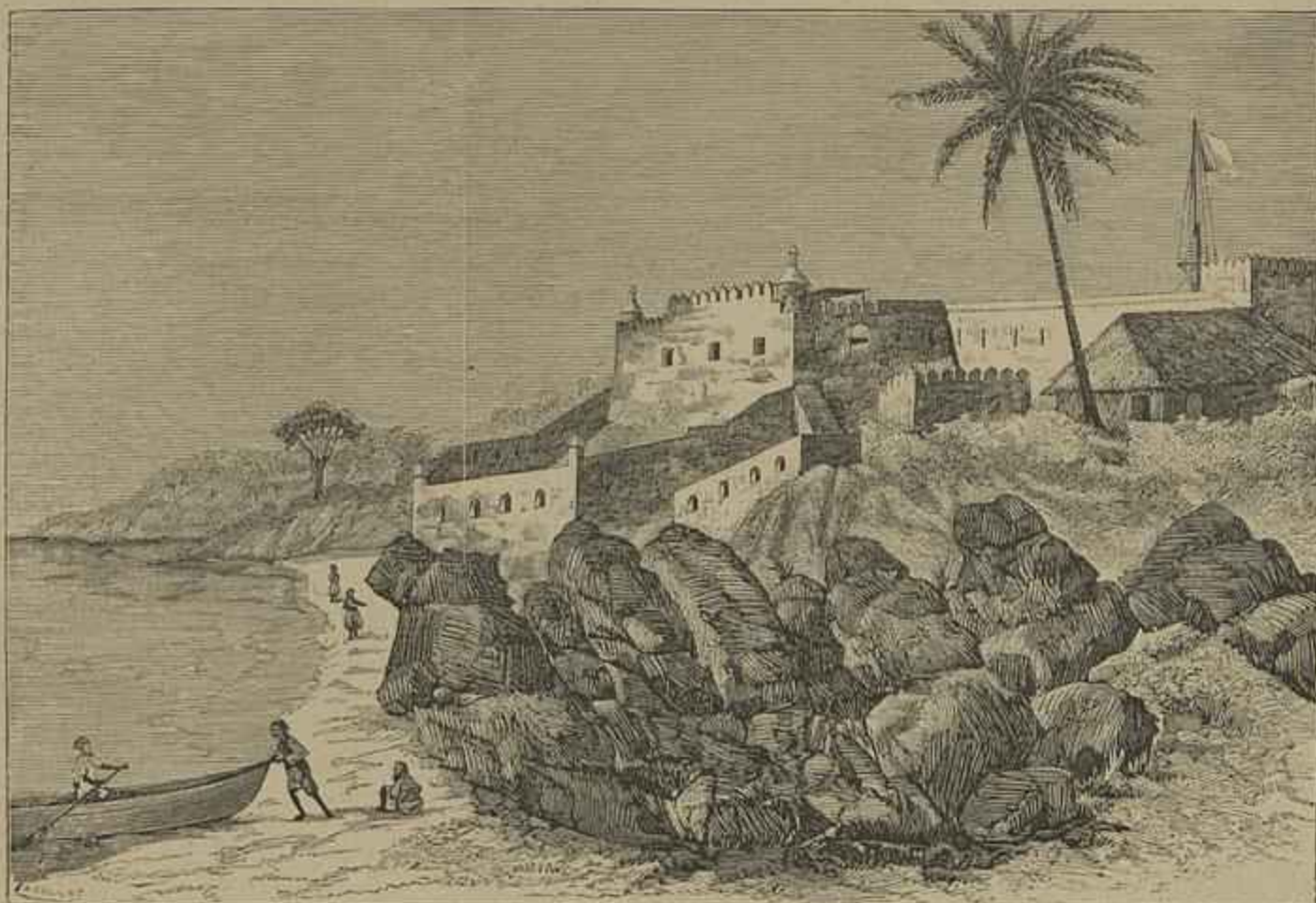
de perto de cento e cincoenta pés e o homem continuava a descer e profundou muito mais, quando de subito se ouviu, cá de cima, um ruido forte, soturno; e todos quantos estávamos á beira do abysmo, ficámos sem pinga de sangue.

Involuntariamente, amainámos a corda, o rapaz, porém, deu logo signal, para que o continuássemos a descer.

O estrondo resultára da queda de um enorme pedregulho que, ao despenhar-se no fundo do abysmo, por pouco que não esmagou o nosso heroe. Escapou por milagre, ainda assim, sempre apanhou uma forte contusão.

— Já e ter animo! observei.

— Pois eu cá, replicou o arraes, estou em dizer que o temerario, se tem avaliado devidamente os perigos que o ameaçavam pelo caminho, não se



MOMBAÇA

(Conforme um croquis do sr. Conselheiro Augusto de Castilho)

arriscava tão de leve a tentar semelhante aventura.

— Está enganado; atalhou o coronel; e, dado esse caso que diz, teria mettido hombros a empresa, ainda com maior teimosia: — isso está até muito na índole americana; em muitos dos nossos conterrâneos o perigo, ao que parece, exerce atracção magnetica irresistivel.

— Tudo isso pode ser, retorquiu o narrador, mas a mim ninguém me diga que, para encarar perigos de tanta monta, n'uma fuma tão medonha como aquella, sem ter nem sombras de medo, não seja preciso ter alma como aquelles que a tem — e estou até que não se encontraria outro assim, entre um milhão de individuos.

Desceu mais, coisa, talvez, de duas braças e observou que a agua, áquella altura, tomava direcção horizontal; não lhe sentia, por debaixo dos pés, o rumor: ouvia a correr para um lado. Também já lhe cahia em cima da lanterna, cujo vidro elle limpou, conseguindo, depois, luz sufficiente para poder ver bem, á vontade, tudo em redor, até uma certa distancia.

Nós, entretanto, iamos lhe largando corda e elle sem dar signal: o doutor Wright, portanto, apprehensivo, mandou suspender, resolvido a verificar se acaso o rapaz era vivo ou morto.

Suspendemos, elle porem não deu signal de si.

— Puxem a corda depressa! exclamou ancioso, o doutor. Todos á uma, suppozemos que iamos ver um corpo morto, ou inanimado, quando menos, pelo choque d'alguma pancada violenta; eis porem, que, n'este comenos, o rapaz dá signal; perce-



ENTRADA DA FORTALEZA DE MOMBAÇA

(Conforme um croquis do sr. Conselheiro Augusto de Castilho)

bera os nossos receio se sacudiu com força a corda, para nos dar a entender que estava cada vez mais resolvido a não retroceder sem ter encontrado o fondo ao abysmo.

— Respirámos todos, á uma. Desentrolamos ainda um bom pedaço de corda, e o audaz explorador conseguiu finalmente assentar os pés em chão firme. Embrenhado nas entranhas da terra e mergulhado nas trevas, com a agua a cair-lhe em cima, sem ar para respirar, e ouvindo, a cada instante, penedos e pedaços de terra, a despenhar-se lhe ora por cima da cabeça, ora por baixo dos pés, chegara aquelle atrevidissimo rapaz a uma profundidade de cento e noventa e oito pés! Com todo o seu socego, verificou que o fundo do Maelstrom era de forma circular e mediu lhe a largura, contando de sotto pés craveiros. Para um lado, seguia uma gruta, de pouca altura; tratou de a explorar cuidadosamente.

Partiu e metteu no bolso alguns pedaços de estalactytes e alguns calhaus pretos, muito duros e lustrosos.

Notára já, durante a descida, outras galerias lateraes, e resolveu exploral-as tambem; deu portanto signal, para cima, para o puxarmos até uma certa e determinada altura.

— Conseguiu o seu fim. O peor estava passado; observei; e o destemido explorador, agora, provavelmente, considerava a sua visita ás galerias transversaes apenas méro passeio de recreio.

— Como se enganou atalhou o narrador; foi, exactamente, n'essa occasião, que occorreu um dos mais pavorosos lances de tão extraordinaria jornada.

— Querem ver que encontrou por lá algum monstro desconhecido? — indagou o coronel.

— Não foi isso; oíçam, e verão que o que lhe aconteceu era ainda coisa peor.

— Ao penetrar em um dos tres corredores, com o sentido de lhe ficarem os movimentos mais livres para explorar a vontade as cavernas, desatou a corda que levava presa ao cinto, e á qual, até então, estivera suspenso, conservando, já se vê, a extremidade bem agarrada na mão. A imprudencia, mais tarde, ia-lhe custando bem cara.

Effectivamente, quando entrou lá dentro, com o esforço que teve de fazer para galgar uma grande buraca que lhe tolhia o caminho, escapa-lhe das mãos a corda! E agora, se não conseguisse torná-la a apanhar, era homem perdido!

Tinha a morte certa, e que morte! Finar-se ali, á fome, á sede, e ao frio, n'aquella sepultura medonha!

Outro qualquer que não fosse o valente americano, teria de certo succumbido ao susto; elle, porém, sem perder de modo algum a presença de espirito, observou com o seu vagar todo o lugar em que estava, calculou muito socegradamente as difficuldades do salto, mediu a distancia, e quando se julgou completamente orientado, viu que, pondo o pé na beira d'uma pedra mais saliente e suspensa sobre o abysmo, estendendo o braço, podia apanhar a corda, que á luz da lanterna divisava bem ainda, e puxa para si.

— E estaria firme a pedra? Poderia com o peso? Arriscou-se a saltar-lhe para cima, e não tremou! Ameaçado de perigo mortal de qualquer dos modos, á mingua ou despenhando-se no abysmo, optou por este.

Subiu, pois, para a pedra, que, felizmente, não deu de si, saltando e cahindo apenas algum cascão. Estendeu quanto pôde o braço; baldado esforço! Ilusão vã! Por mais que se estendesse, faltava-lhe bem a distancia de um palmo para chegar á corda. Agora, sim, d'esta vez é que elle se julgou perdido, mas nem assim perdeu o animo; com o maior sangue frio, tornou a entrar na gruta, á procura de qualquer coisa com que pudesse agarrar a corda. — Deus, porém, accode sempre aos atrevidos. Occorreu-lhe logo uma ideia, e foi a sua salvação! Pois então não tinha ali, á mão, a argola da lanterna? Solto a argola, e como, felizmente, tinha os dentes rijos, conseguiu abri-la ao meio, alargá-la, estendê-la e arranjar d'este modo um gancho do comprimento preciso, para poder alcançar a corda. Conseguiu pescá-la no balanço, puxa a até á entrada da gruta, amarrou-a o mais segura que pôde, dando-lhe varias voltas em redor da pedra. Concluida esta medida de segurança, avançou uns cento e cinquenta e tantos passos pelo corredor dentro, e não foi mais alem, porque encontrou a colher-lhe o caminho um montão de terra em torrões, que tinham cahido da ahobada da caverna. Tinha, portanto, de voltar para traz. Á volta topou com outro corredor, que ao principio lhe escapára, e enfiou por ali dentro, á ventura. Foi andando e, d'ali a pedaço, reparou que a vela de cera da lanterna estava quasi no fim; e elle a tiritar de frio, enarcado até aos ossos? Estava, assim mesmo, desviado do ponto de partida, e viu que era tempo de tornar para traz; levar mais longa as pesquisas era arriscar-se sem utilidade, e até perigosa imprudencia. Teve certo trabalho para chegar outra vez á entrada da gruta, e depois, sem perda de tempo, atou-se o melhor que pôde com a corda, e deu signal para que o puxassem para cima.

Difficil a ascensão; e em condições terriveis para o nosso heroe, que com a pressa amarrára a corda desastradamente, em volta do corpo. Esta circumstancia, porém, lançou-a elle apenas á conta de mais um perigo, que não estava na sua mão evitar.

— E negavel que a sua historia é de fazer arrepiar as carnes ao mais valente; observei. — E inclino-me a concordar com o que nos disse ainda agora. — Se esse estouvado d'esse americano tivesse pesado devidamente a quanto se arriscava, não era elle, decerto, que levava por diante a teima.

— E ao meu amigo, interrompeu d'ali o coronel, quem lhe diz que sejam insensatos semelhantes empreendimentos?

— O nosso heroe, proseguiu a testemunha presencial de tão arrojada façanha, estava já a altura de noventa pés, contados da embocadura da fuma, eis senão quando lhe soam aos ouvidos, partindo ca de cima, gritos de afflicção e pavor.

Apezar de estár lá ainda muito em baixo, ouviu distinctamente bradar:

— Está a arder a corda! Agua! venha agua! depressa!

Effectivamente a corda, á força de roçar pela

aresta da prancha em cujo extremo corria, incendiou-se, e o nosso explorador, d'um instante para outro, via-se precipitado n'aquelle abysmo, prompto a tragal-o.

E o peor é que ali, á mão, não havia agua. Por fortuna, entre os muitos que, em anciosa expectativa, presenciavam aquelle feito inaudito, houve alguém que apresentou um frasco de jornada, cheio de agua e aguardente. Despejámos o frasco sobre a corda incandescente, e conseguimos afinal íçar o destomido revelador dos segredos que o Maelstrom, até aquella hora, cioso guardava no mais profundo de suas entranhas; e, sem maior novidade, tornou a pisar a terra firme.

— E o rapaz, ao ver outra vez a claridade, sentiu muita impressão? perguntou o coronel.

Tal qual estava, á partida, assim appareceu á chegada. Tranquillo e socegado da sua vida, como se nada fosse com elle! Por signal que o doutor Wright, que lhe tomou ali logo o pulso, declarou que as pulsações eram regulares.

— E certo então que nunca chegou a sentir medo?

— E mais que certo! Mas tanto não direi dos outros sujeitos — estavam em tal estado de abalo e foi tão grande o susto que tiveram, que houve quem atirasse consigo para o meio do chão.

Mal que chegou cá acima, encontrou roupa enxuta e uma boa manta bem pesada para se abafar. Engoliu uns copitos de rhum e ninguém diria que, não haveria ainda dez minutos, estava elle a meio caminho do inferno. Assim que se sentiu bem quente e descansado, contou os trabalhos todos que passou lá por baixo, que foram bem maiores do que cuidavamos.

De repente, dêmos por falta do doutor. Fomos á procura do medico e, quando o encontramos, estava cahido no chão, sem dar accordo de si!

E ora ali tem os senhores — rematou o narrador — como se passou o caso todo da descida d'esse rapaz, levado da bréca, ás profundas do Maelstrom.

E ainda os senhores não ouviram o melhor — aposto que não adivinham em que é aquell'alma de não sei que diga se poz a entreter o tempo, quando chegou ao mais fundo da fuma?

Rápa do canivete e entra a abrir o nome n'um penêdo. — Tubarões me rilhem, se d'aqui até que se acabe o mundo houver olhos que lá o vão ler! Quando sahimos das cavernas do Mammuth, vinhamos espantados perante as maravilhas que a prodigiosa gruta encerra em suas entranhas; todos assaz impressionados tambem e com o coração opprimido. Pela minha parte, declaro que, assim que me apanhei cá fora, que pude respirar á vontade, e meus olhos tornaram a vêr a luz do dia, quiz-me parecer até que tinha resuscitado.

Pm Sel.

AS FREIRAS DE LORVÃO

(Continuado do n.º 638)

II

DE QUANDO MORRER UMA NOVIÇA

Uma das praticas que o ceremonial preceitua, após a entrada de uma noviça, é a seguinte, precedida d'esta explicação: *como se deve fazer quando alguma religiosa de nossa ordê falecer.*

«Sayda a alma do corpo, comece a cantora o *Responso*. E todo o convento cante o *mays* (a cantora canta só o principio) e depòys digam: *Kyrieel, etc.* E o abbade com estola e bagueo ou aquelle que fizer este officio diga: *Oremus* etc.

«Acabada esta collecta levem a defunta a lavar. E a por essa proveja aquellas que ha ou houverem de lavar e envolver. Emtanto as religiosas apartadamente da defuncta ordenadas junto com a abbadessa assim como estão no coro segundo for o lugar. E cada uma abbadessa em seu mosteyro ordenar, estando as irmãs conversas e leygas apartadamente. Diga o abbade, ou aquelle que fizer este officio em meia voz as collectas que se seguem.»

Seguem as referidas collectas, findas as quaes responde o convento: *Amen*.

«E se o corpo ainda não fór tirado do lavatorio seja começado logo o psalteryro: *Beatus virgini*. E depòys que o corpo for lavado e posto no feretro ou escano, o abbade tome a estola se a dantes tinha deixada: E deite a agoa benta sobre o corpo e encense-o e logo diga que o oução todos: *Pater noster* etc.

Terminada a oração: «vão-se os ministros diante com a cruz e escansa cõ o lume, e o toribolo e

agoa benta e respondido: *Amen*, comece a cantora o responso: *Libera-me*, etc.

«E seja acabado com todos os tres versos. E assim tragam o corpo á igreja segundo todas a cruz ordenadamente como estão no coro: Assim que as monjas mais juniores vão diante das ancias. E depòys d'ellas vá o abbade com o bagueo e com a estola, ou aquelle que fizer o officio. E depòys as noviças e depòys a defuncta, a qual levem quatro ou cinco irmãs, as que a prioreza o encommendar e depòys estas vão as conversas, detrás da defuncta. E acabado o canto e as religiosas estando ordenadas á cabeça da defuncta com a cruz e toribolo e agua benta pella guiza que entrarão na igreja. E a candeia posta sobre o castical á cabeça da defuncta. E o abbade esteja depòys d'ellas e faça a encommendação ou aquelle que fizer este officio. Aqui estejam as religiosas com as caras umas para as outras e o abbade diga: *Pater noster*; etc.

«E deixada ali a cruz, e lume e agoa benta; tornem a começar o psalterio onde o deixarem o digam: *Requiem eternam*.

Entretanto se o abbade esse dia fór presente em o cabido, absolva a defuncta, ou a absolva em o primeiro capitulo que for, dizendo: *Anima sororis, requiescat in pace*. E tambem seja dicto o officio dos defunctos plenariamente. E no dia seguinte: *Verba mea*. O qual officio seja dicto em meia voz. E o responso.»

«*Libera-me*, (etc.) não seja dicto, senão no terceiro officio, tão somente com o primeiro verso e seja dicta uma collecta em singular. *Inclina*. E todos os psalmos sejam dictos com *Requiem eternam*, singularmente. Os quaes officios com seus intervallos possam ser ditos. Em o officio quotidiano dos defuntos e no mesmo dia, seja dita por ella a primeira collecta. E se poder ser seja dicta a missa por ella nesse mesmo dia. Se fór no tempo do *trigenario* seja antremetida a collecta *Deus veni e largitor* e o tracto *Absolve*. Antes que o corpo seja sepultado, sejam feitas e assignadas pela cantora, guardas que guardem a defuncta. Todas estas coisas directamente acabadas antes que seja levada ao sepulchro estando as religiosas ante o feretro ou escano com a cruz e toribolo e lume agua benta o abbade ou o sacerdote vestido em alva e estola e manipulo, diga as orações que se seguem cantadas.»

Findas as quaes, «o abbade ou aquelle que fizer, o officio com os ministros diante levando agoa benta, lume e cruz e toribulo, todos ordenadamente á cabeceira da cova. Depòys vão todas as religiosas e noviças á sepultura e alli ordenadamente com a abbadessa, tendo as caras umas para as outras, cantem os psalmos e trazida logo a defuncta pela, que para isso forem ordenadas com as suas cogulas vestidas ponhão o corpo junto da cova da parte do meio dia, e posto o corpo como dicto é dispam as cogulas e apparehem-se para o sepultar; e a cantora comece logo a antífona.

«E depòys desta antiphona cantada é costume em alguns mosteyros dizer-se logo a antiphona *Clementissime* mas communmente se diz por toda a ordem depòys da collecta.

«E ao dizerem *miserere super peccatrice*, todas as religiosas tomem venia. E emquanto se faz isto o sacerdote acabe o officio dizendo as orações: *Die Recordationis* com todas as outras em voz baixa respondendo somente os ministros: *Oremus*.»

«Tem lugar então a benção do sepulchro. E se ainda a sepultura não for apparelhada em querendo dizer *De meritatis quidem* deixe-a e não a diga, proseguindo com as outras orações adiante. E apparelhada a sepultura antes que o sacerdote comece a dita collecta, lance da agua benta sobre o corpo e sobre a cova e depòys encense o corpo da defuncta, e feito dê o toribulo a quem estiver na cova e que a encense. E feito isto seja logo sepultada e o sacerdote lhe lance agoa benta e seja outra vez encensada por quem estiver na cova e coberta a defuncta, o quo faz o officio lance da terra sobre ella uma vez. E isto feito affaste se contra o sepulchro e comece: *Temeris*, etc.

«Tudo isto acabado e o *Clementissime* cantado, diga o que faz o officio: *Pater noster*. Et no nos, etc.

«Depòys de tudo isto feito resem as religiosas os sete psalmos penitenciaes pella defuncta prostradas ante o primeiro degrao do altar mór, no fim dos quaes dizem este responso: *Requiem*, etc.

(Continúa)

Esteves Pereira

LENDA

Ao visconde d'Ervedal da Beira

Out'ora o valle das Furnas formava uma montanha coberta d'arvoredo. Do plicoro elevado do gigante das serras via-se o mar ondado, que longe, muito longe, as costas corca e banha da ilha solitaria, desconhecida, estranha.

Veio a descoberta. Fondou-se a «Povoação». No logar da montanha laborava um vulcão, que as chamas elevava ao céu bello e sereno, e um padre descehrio. Corria o tempo ameno.

Quedou-se o sacerdote no alto, na eminencia; e mal vio romper a agua repuxante, e o igneo vapor, que sahia ululante da bocca das crateras, com grande violencia: fugio espavorido, e, trenculo, assustado, deixou aquelle inferno, voltou ao povoado.

Mais tarde, curioso, regressa á cunheira, seguindo uma vereda, onde deixara a esteira dos passos vacillantes; e julgando que o val era a mansão terrivel de mil paixões iniquas, trouxe consigo, crente, umas santas reliquias, a naveta, o incenso e o signo perennal que arvorou, no Calvario, o Deus da pindade, o heroico redemptor da triste humanidade.

Mas, como essas crateras ferziam, repuxavam, sem lhe importar o padre e mesmo o seu latim; o exorcismo então as aguas condemnaram, e o padre, ao evangelho, falou ao povo assim:

«Irmãos! sobre o nascente, nas altas comieiras que contemplas ali; jar o fogo do inferno, as chamas verdadeiras onde eu, ardendo vi as almas peccadoras. Irmãos, fugi, fugi!

Mendo Bem.

UM ESTUDO DE PAYSAGEM

(RECORDAÇÃO)

(Concluida do numero antecedente)

A moça que tinha o pequeno interrumpeo dizendo com ar penalizado.

— Coitadinhos dos soldados, como elles não estarão todos molhados a esta hora!

— E lama! então ali para o Sobral! ha-de chegar-lhes ás orelhas, certificava o velhote.

E foi propheta, com a alcunha de *campanha da lama* a opposição nos jornaes, em prosa, em gazetilhas e em caricaturas troçaram a valer do malogrado simulacro.

Vim até á porta, a chuva tornara a augmentar, só se ouvia agora o ruido especial da agua fustigando a folhagem das arvores; pelos sulcos do caminho corriam regos d'agua; para além da matta mais nada se distinguia, tudo esfumado em tom alvaco.

A cazaleira que decididamente, queria que eu fosse bem impressionado da sua hospedagem trouxe-me um bocado de brôa, umas talhadas de melão e uma caneca d'agua pé o que gostosamente aceitei: a pobre mulher afinal tornara-se-me sympathica, fora ella a boa diplomata, que conseguira evitar que me succedesse algum desastre sério.

O velho sempre comendo tinha se posto a considerar o meo estado e por fim perguntou-me, indicando-o com a ponta da navalha.

— Ora diga-me, que serventia tem isso?

— Ainda agora eu expliquei a sua filha, que aquella pintura era o retrato d'umas arvores ali de cima da matta; como moram aqui sempre e estão habituados a verem-as nem reparam n'ellas; mas quem vem de fora acha-as bonitas e por isso é que me apeteceo copial-as; agora a serventia que o quadro pode ter, é compral-o alguém para o collocar na parede da sua casa.

— Mas quem é que compra uma coisa d'essas?

— É gente rica de Lisboa; já lá esteve?

— Já sim senhor, uma vez, mas por pouco tempo, não podia aturar a barulheira da cidade.

— Pois então havia de reparar, que lá não ha campo, são tudo ruas com predios muito altos, quem lá mora enfátia-se de tanta casaria e gosta de ter em casa vistas que lhe lembrem o campo ou o mar.

— É verdade Pae, interrompeo a mais nova, na casa aonde estive, os meus patrões tinham pelas paredes painels com vistas muito bonitas em caixilhos dourados.

— Então isso é encomenda que lhe fizeram?

— Isso era bom! encomendas só de retratos de algumas pessoas, n'estes quadros de vis-

tas perde-se-lhes muitas vezes o feitiço; olhe, eu e outros que trabalhamos n'esta arte, cada qual conforme o seo gosto, pintam diferentes quadros, uns representando gente, outros vistas de campo ou de mar, outros flores etc., mettem-se depois esses quadros n'umas molduras douradas e levamos para uma casa que ha de proposito em Lisboa e collocam-os nas paredes; a casa fica depois franca para quem a quer ver, e muitas d'essas pessoas se lhes agrada algum quadros e têm meios, compram-os; mas ficam sempre muitos por vender e d'ahi o prejuizo que tem os auctores d'esses trabalhos.

Não contei ao bom do homem, os dissabores que ainda por cima tem os artistas com as opiniões dos criticos, que muitas vezes com bem poucos conhecimentos, elogiam ou descomprim as obras, quando não chegam tambem aos auctores; mas isso seria cousa incomprehensivel para aquella rude gente, que parecia cuéva da idade de ferro.

— Quanto pode valer um painel d'esses? perguntou-me o velho.

Deitei rapido calculo ao trabalho e disse-lhe que podia valer umas seis libras.

— Ah! meo rico dinheiro! exclamou elle, elevando as mãos abertas á cabeça; pois ha quem gaste semelhante dinheiro com uma coisa d'essas! Olhe, isto não é para o offender, mas sempre lhe digo, que dou mais apreço a esta maça que estou comendo, do que a isso.

Decididamente o velho estava empenhado em me ser desagradavel com a sua primitiva rudeza; depois de pertender dar-me cabo do phisico, entrava-me razoavelmente pelo moral, e eu que estivera para me queixar da critica! critico d'aquella força é que não encontrára ainda algum: afinal, no fundo, aquelle dizer era a expressão do espirito utilitario do simples camponio, que fora das cousas essenciaes á vida, nada mais achava digno de valer a pena prestar-lhe attenção; as bellas artes ou as bellas letras eram manifestações absolutamente inexpressivas ao seu primitivo intellecto.

A chuva quasi se dissipára e despedi-me d'aquella simples e ignorante gente do monte; pelo caminho fui pensando na aventura que me succedera e vendo quanto o accaso, quando menos o esperamos arma as cousas por fórma, que pode dar os mais inesperados resultados.

O meu estudo de paysage, acabei-o mais tarde e dei-lhe o titulo de *Sobreiras e Carvalheiros*, não o expuz por me ter sido adquirido por um amator de bellas artes, que o foi juntar á sua colleccção artistica n'uma terra da provincia, como nunca lhe contei o que me succedera, mal poderá imaginar ao vel-o o mau bocudo que me custou o acabamento d'aquella obrinha.

J. R. Christino.

DEBAIXO DA MEZA

Em casa do conselheiro havia jantar de annos; uns annos já muito xerodios do dono da casa, que completava os seus 68, emquanto a esposa, segundo os melhores calculos das pessoas de intimidade, devia apenas rastejar pelos 34.

Era como quem dix meio por meio, que n'isto de idades do bello sexo ninguém pôde afirmar ao certo, sob pena de cair na maior das indiscrições.

O conselheiro muito impertigado fazia esforços para parecer mais novo do que realmente era. Tingia os cabellos ralos, e pintava o bigode, tendo o maior cuidado em trazer sempre a barba tão escahoada como a palma da mão, para não lhe straiçoar a pintura, consumo diario de algumas horas ao espelho.

Quando cheguei estava já uma boa parte dos convidados, mas o meu primeiro cuidado foi cumprimentar, como de dever, a dona da casa, que n'aquelle dia muito bem passava com dez annos de menos, graças aos seus dotes naturaes de formosura e á arte com que sabia vestir-se.

O conselheiro, na sala de entrada recebia os convidados, e não tardou muito que untrasse na sala de visitas conduzindo pelo braço mademoiselle Marie, professora de francez de sua filha Julia, unico fructo do seu casamento, em segundas nupcias.

Mademoiselle Marie era, além de professora, muito intima da casa e nunca deixava de comparecer nas grandes solemnidades d'aquella familia. Uma franceza de fórmas delicadas, mais baixa do que alta, de bastos cabellos castanhos, olhos grandes, expressivos, nariz fino, bocca pequenina de labios delgados e vermelhos, afinando com o ro-

sado da pelle, e a parte inferior do queixo povoada de graciosos caracolinhos de cabelo, que n'uma carinha nova não provocam a repulsão que em idades maduras, e antes pelo contrario.

A meza ficou a esquerda do conselheiro e a seguir a mademoiselle Marie um sujeito gordo e pesado, vermelho como um rabanete e calvo como uma cabaça. Coisa de negociante aposentado, mas ainda fresco, com bom estomago para a *mayonnaise* de lagosta e para o *consomé à la royale* regado de copinhos de Borgonha. A direita do dono da casa a baroneza de S., uma formosura decaida, magra, cuja cabeça quasi desaparecia entre as rendas de Alençon que lhe afogavam o collo, onde se viam luzir alguns brilhantes respeitaveis, tão respeitaveis como os annos da possuidora. Ao lado sentava-se um rapaz de cabelo empastado sobre as patilhas muito pretas, de bigode retorcido e olhar vivo fixando com muita frequencia, não sei bem se os brilhantes da baroneza se os restos d'aquella ruina, que parecia não se revoltar contra os olhares petulantes do moço comensal, muito feliz entre os altos colleirinhos que lhe subiam até ás orelhas e o espalhafatoso *bouquet* que lhe salva da *boutinière* da casaca do aspirante a diplomata.

Em frente do conselheiro, é claro, estava a conselheira dando a direita ao barão S., homem bem parecido e moço ainda e que estava para a baroneza na mesma razão que a conselheira para o conselheiro, até em ser o segundo marido da respeitavel senhora. Conversava animadamente com a dona da casa, que lhe correspondia com vivacidade e o jantar parecia servir-lhe mais de pretexto para cavaquear do que para comer. A direita do barão estava uma senhora gorda, muito grave nos seus modos e no seu traje de viuva, segundo parecia, pelas côres escuras da *toilette*; era a primeira vez que a via e tinha a honra de estar a seu lado. Por varias vezes tentei entabolar conversação com ella, mas não me foi possivel obter mais que respostas muito vagas ás minhas palavras respeitadas. Dominava a uma profunda melancolia, talvez as lembranças do esposo, que lhe levava a alegria e lhe deixara a tristeza. Pobre senhora.

A esquerda da dona da casa sentava-se um personagem de alta finança, o commendador Furtado, que deixara embranquecer os cabellos e crescer os colleirinhos nos jogos da bolsa, de dia e do *carté* á noite, no gremio. Apesar, porém, da sua paixão dos jogos, ainda guardava um cantinho no seu coração para mais alguma paixãosinha que lhe quebrasse a friura dos seus cabellos nevados, e assim não deixava de eleiar com os seus olhares uma jovem que estava sentada a seu lado e que toda se ruborisava de quando em quando.

Não pude deixar de notar aquella circumstancia e reservei-me para mais tarde saber a causa d'aquelle rubor. Mera curiosidade do meu espirito, e mais nada.

Um inesperado incidente, porém, permittiu satisfazer, mais cedo do que esperava, o meu desejo.

Acabava de ser servido um prato de que me não utilisai por não gostar, e para saber qual era o seguinte, procurei o *menu* que devia estar ao meu lado, mas que não encontrei. Tinha cahido para debaixo da meza.

Abaxei-me para o apanhar e durante alguns segundos, que o procurei, pude ver o que os meus olhos não esperavam destructar!

Debaixo da meza iam coisas do demonio! As pernas do barão estavam demasiado chegadas ao joelho direito da conselheira, tão chegadas que com o atrito ou fricção de um ou outro movimento, a saia tinha subido um tanto d'aquella lado deixando ver os finos bordados que encobriam parte da perna bem calçada de meia de seda preta levemente listrada de cor de oiro, e que terminava n'um pé pequenino embebido em um sapatinho de polimento, para assim dizer, mais pequenino ainda do que o pé! N'aquelle momento o commendador aproximava tanto o seu pé direito dos pés da visinha do lado, que era forçosamente uma das occasiões em que ella toda se ruborisava.

Seguindo com a vista em roda, não foi menos interessante o que vi. A possuidora dos brilhantes colhia entre o seu lenço de fina bretanha bordado, um bilhete que o aspirante a diplomata lhe passava mui desfarçadamente, apertando entre os seus os esqueléticos dedos da velha baroneza. Mas o mais curioso de tudo eram os pés do conselheiro e os do negociante aposentado que se confundiam uns com os outros em busca dos pesitos de mademoiselle Marie, que, segundo parecia, por muito perseguidos se tinham mudado para a travessa da frente da cadeira, n'uma posição naturalmente incommoda, mas preferivel a serem tocados pelos visinhos. Observei, porém, que no afan com que os dois enormes pés procuravam os pesitos da baroneza chegaram a supprer que os haviam topado e assim cada um deixava se pisar

pelo outro imaginando gozar a delicia d'aquelle contacto femenino, apesar da formidavel pressão que deviam receber.

Quando levantei a cabeça, depois de ter apañado o menu, dei uma forte carolada na meza que a fez estremecer. Pude ainda ver, com as estrelas, todos os pés voltar ao seu logar e todos os olhos pregarem-se em mim. Mas eu fiquei com o formidavel carôlo, castigo, sem duvida, da minha curiosidade indiscreta.

Caetano Alberto.



Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, fundada em 1875. 15.ª serie, n.º 1 e 2. Lisboa. Imprensa Nacional, 1896.

No primeiro dos numeros do importante boletim vem publicada a conferencia feita na sociedade, em sessão de 4 de novembro de 1895 por A. Adolpho Loureiro, acerca de Macau e seu porto; no n.º 2 insere as duas conferencias feitas pelo sr.

par Al. Gayet. — El Netahyat, par Louis Remacle. — Quelques reflexions sur les fetes, par H. Monin. — Le Village suisse à l'Exposition de Genève, par Adolphe Ribaux. — Le théâtre démocratique, par Henry Fèvre. — La Manufacture des Gobelins, par Jules Guiffrey. — La Mendicité est interdite, par I. G. — Orchidées, par Ferdinand Faideau. — Le Palais de la Cour des comptes, par Ch. Mazin. — Le Mouvement littéraire, par Leo Claretie. — Causerie scientifique, par G. Marschal. — La Cuisine du mois, par A. Colombié. — La Mode du mois, par Berthe de Présilly. — La Femme chez elle, par Luciole. — Pénible faction (caricature). — Jeux et Récréations, par Beudin.

Homage, to Dom Vasco da Gama on the anniversary of the fourth centenary of the discovery of a new route to India. Lisbon — National printing office — 1896.

Este discurso foi apresentado pelo sr. visconde de Soveral na sociedade de geographia de Lisboa.

E' um preito sincero de homenagem a Vasco da Gama e que muito honra o sr. Soveral.

Catalogo, da livraria da associação clerical vimarense. Guimarães, Typographia Minerva, Campo do Toural, 19. 1896.

Entre as obras que esta livraria, acima, tem á venda e que constam do catalogo que nos foi of-

veras honrosa para os cavalheiros que a constituem, os srs. José Manuel da Costa Basto, João Maria Galhardo e José Joaquim Gomes de Brito. O relatorio é uma verdadeira monographia do monumento, começando no seu plano, execução e descripção. De outras propostas se dá conta ao publico e aos subscriptores, cuja lista acompanha este trabalho, as quaes se referem á erecção da escola Alexandre Herculano na freguezia de Azoia de Baixo e á offerta á Real Casa Pia do remanescente da subscrição, entregando-lhe a chave do monumento e confiando-o á sua guarda.

Anuario do Gremio Artístico, relativo a 1895-96. Lisboa 1896.

Claramente elaborado e redigido o presente relatorio dá perfeita ideia do desenvolvimento da distincta agremiação, que tantos serviços tem prestado á arte nacional.

E' na serie de documentos publicados na sua integra em o presente numero do annuario, que se verifica quantas representações importantes tem levado aos poderes publicos defendendo n'essas representações os interesses nacionaes e artisticos.

Por se referir a um nosso amigo e illustre collaborador, destacaremos a noticia de que, n'este relatorio, o bem conhecido escriptor sr. Zacharias d'Áça e elevado a socio honorario; alta distincção

EN-1635-OCAP! TAUMR-FRCºD-SEXAS-DEC ABRº OFºI-D-ESTA
FORTZA POR-4-A NBS-SENB-D-IDADE-D. 27-EARE-DIF-COV
De Nve Fe S. ESTE ORPO-D-GVARDAERE DVZº-A-S-MGº-Aº
STA-DE-MELND E-ACHAND A-A LEVANADA-PE-REI-TIRANO
E PSL-ETRI BV TAR P-SOS-RES-D-OFNO MD RA-LY ZIVA
E-IACAE-DEV-PES-AL-MTE-A-PAR-ESF-HVM-@S-TIGO. NAT
ESPERAD-N-A-I-NI-ATH-E-AZ-AR-HE-OS-MVROS-A-PENOV
OS-MVZ-VNGV-LOS-@STIGOV-DE-NBA-E-OS-POVS-REBE-LES-
MANDASVACVSTA-@-RECIEDRES-A-LEVANADO-EPD-@-MAIS-
D-FAMA-FeS-PAGAR-AS-PÁIAS-FAVIAONEGADAS-A-S-MGº-@-BRTA
º-SERVICO-OFES-FIDALGO-DE-SVA-GZA-TEND-IA-DESPAC-º-D-º-
OTRO-º-TA-º-CO-º-BI-º-D-º-XPº-º-SO-MIL-RES-DE-TE-NG-º-A-NBS-D-
Gº-D-IA-FAMPA-º-E-4-D-BiliGA-º-Cº-FA-º-BA-DE-D-º-DE-º-Nº-PEAR-
TVDO-º-SVA-VIDA-EM-º-TE-SE-º-VREI-º-º-DA-SILVA-º-º-A-1632A

INSCRIPÇÃO DA FORTALEZA DE MOMBACA

Eduardo de Noronha, na mesma sociedade, em sessão de 2 de dezembro de 1895 e 13 de janeiro de 1896, tratando de Lourenço Marques e as suas relações com a Africa do Sul.

Ambas as conferencias são estudos notaveis, de enorme importancia e cuja leitura evidencia as necessidades que ha a satisfazer para garantir e aproveitar as circumstancias naturaes favoraveis que nos offerecem aquellas duas colonias portuquezas: — Macau e Lourenço Marques nas quaes tantas esperanças se fundam que bem se poderão realizar segundo alvitres e indicações dos illustres conferentes cuja competencia e amor patrio mais uma vez se revela n'estes seus trabalhos.

Le Monde Moderne, revue mensuelle illustrée. A Quantin, éditeur, 5, rue Saint-Benoit, Paris. Août et September 1896.

Temos presente os dois ultimos numeros da encantadora revista franceza. O numero de setembro contem, como sempre, uma extensa variedade de artigos e de muitas numerosas illustrações. Destacaremos com toda a justiça e muito particularmente uma exposição um tanto philosophica acerca dos costumes suissos e um estudo sobre a manufactura dos Gobelins, que não poderia ser mais bem escripta e com maior competencia, pois que é obra do seu director actual.

Eis o summario d'este apreciavel numero:

Histoire d'un chien, par Maurice Guillemot. — Sur la route des Cévennes, par Constant de Tours. — Les Dangers de l'allaitement artificiel et les moyens de les combattre, par le dr. Chéron. — L'Écriture hiéroglyphique de l'Égypte antique,

ferecido, ha livros de grande valor e que faz pena não os podermos nós adquirir-los.

Do mesmo catalogo se deduz a importancia da grande livraria vimarense, o que é bem lisongeiro.

Nobiliarquia Goana, ou catalogo das pessoas que desde o anno de 1863 até ao de 1893 tem sido agraciadas com titulos e furos de nobreza condecorações e medalhas. Nova Goa, Imprensa Nacional, 1895.

Este volume, cujo auctor é o sr. Diogo Luiz da Fonseca, aturado investigador portuguez na India, traz duas cartas prelaçando-o, uma do sr. Leopoldo C. da Gama, e outra do sr. J. A. Ismael Gracias, nas quaes se aprecia o trabalho que noticiamos.

Não podiam deixar de serem, como são, bastante lisongeiras para o sr. Fonseca as apreciações de tão eruditos cavalheiros.

O presente trabalho completa um outro do mesmo genero devido á penna do maior escriptor da India portugueza, Philippe Nery Xavier.

Ao sr. Diogo Luiz da Fonseca agradecemos penhorados a offerta do seu importante trabalho.

Monumento a Alexandre Herculano, relatorio da comissão executiva. Lisboa, 1896.

O presente trabalho honra muito a illustre comissão que distinctamente o relatou, e é mais uma nobre homenagem feita condignamente ao grande historiador.

No relatorio veem descriptos minuciosamente todos os actos da zelosa comissão cuja diligencia no cumprimento dos seus trabalhos é de-

que o Gremio Artístico lhe concedeu por ser o escriptor que de mais longe se tem dedicado ás questões artisticas do nosso paiz.

O annuario encerra ainda um bello retrato de João de Deus, desenho de Condeixa e gravura de Diogo Netto, acompanhado de um pequeno discurso de D. José Pessanha, o infatigavel relator do presente trabalho.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE Para 1897

Sae a publico no dia 7 de novembro este interessante annuario, contendo alem do calendario e de todas as tabellas do costume, um largo extracto da Campanha d'África contada por um sargento, com muitas gravuras de retratos e combates.

Publica tambem um resumo da Nova Sciencia de Curar pelo methodo Kuhne com receitas da cosinha vegetariana etc.

Uma linda capa em cores representando a prisão do Gungunhana por Mousinho de Albuquerque.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis pelo correio 320 réis

Recebem-se desde já encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 1.º